

LÍNGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO EM CONFLUÊNCIA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS EM LINGUÍSTICA APLICADA

LINGÜÍSTICA SISTÉMICO-FUNCIONAL Y ANÁLISIS CRÍTICO DEL DISCURSO EN CONFLUENCE: DIALOGO POSIBLE EN LINGÜÍSTICA APLICADA

31

Bruno Gomes Pereira¹

Resumo: Neste artigo, relacionamos teoricamente Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e Análise Crítica do Discurso (ACD), refletindo sobre as possíveis contribuições que esta relação pode oferecer aos estudos da linguagem, sobretudo no que se refere ao contexto de ensino e aprendizagem. Situamos este trabalho no campo interdisciplinar da Linguística Aplicada (LA), pois partimos da ideia de LA como conectora de distintas áreas do conhecimento humano na complexificação de um determinado objeto de investigação. A princípio, a relação estabelecida entre estas teorias é possibilitada pelo fato de ambas visualizarem a língua/linguagem como objetos minimamente interdisciplinares, dada a natureza social.

Palavras-Chave: Língua. Interdisciplinaridade. Discurso. Contexto.

Resumen: En este artículo, teóricamente relacionarse Lingüística Sistemico Funcional (SFL) y Análisis Crítico del Discurso (ACD), al reflexionar sobre las posibles contribuciones que esta relación puede ofrecer estudios de idiomas, especialmente en relación con el contexto de la enseñanza y el aprendizaje. Situar este trabajo en el campo interdisciplinario de la Lingüística Aplicada (LA), porque partimos de la idea de LA como un conector de diferentes áreas del conocimiento humano de la complejidad de un objeto particular de investigación. Al principio, se hace posible la relación entre estas teorías por el hecho de que tanto visualizar el idioma / lenguaje como objetos mínimamente interdisciplinarias, dado el carácter social.

Palabras-clave: Idioma. La interdisciplinariedad. Discurso. Contexto.

Introdução

Este trabalho é fruto das discussões feitas no grupo de pesquisa Práticas de Linguagens em Estágios Supervisionados (PLES/UFT). Consiste em uma tentativa de aproximação teórica entre a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e a Análise Crítica do Discurso (ACD). Partimos do princípio de que a linguagem é vista, em ambas as abordagens,

¹ Graduado em Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Especialista em Linguística Aplicada pela Faculdade de Tecnologia Antônio Propício de Aguiar Franco (FAPAF). Mestre em Ensino de Língua e Literatura (Estudos Linguísticos) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Professor da UFT, Câmpus Universitário de Araguaína. E-mail: brunogomespereira_30@hotmail.com

como instrumento minimamente interdisciplinar, tendo em vista que sua significação é construída através de diferentes pontos de vista, bem como de diferentes perspectivas de estudos.

A LSF, teoria funcionalista que se fundamenta nos pressupostos teóricos do linguista Michael Halliday (2004), considera a língua enquanto ferramenta pragmática, tendo em vista que as escolhas léxico-gramaticais que mobilizamos, ao produzir um texto, são frutos de uma sucessão de fatores extralinguísticos inerentes do contexto de cultura e situação em que estamos inseridos. Nesse sentido, a aproximação teórica com a ACD torna-se ainda mais pertinente dada à maneira problematizadora com a qual esta abordagem dos estudos discursivos entende as manifestações da linguagem nos diversos domínios sociais.

Além dessa Introdução, das Considerações Finais e das Referências, este artigo também é composto pelas seguintes seções: Um Breve Esboço Teórico; A Aplicabilidade Teórica da LSF e da ACD no Meio Educacional; A LSF e a ACD: Práticas de Letramento e Convergências com a LA

1 Um Breve Esboço Teórico

Neste artigo, relacionamos o aporte teórico da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e da Análise Crítica do Discurso (ACD). Ambas entendem que a construção de um gênero textual, do ponto de vista linguístico e ideológico, está diretamente relacionada à situação em que é produzido e vinculado.

A postura investigativa da LSF foi inicialmente analisada por Michael Halliday (2004). Seu caráter funcionalista, herdado do Círculo Linguístico de Praga, propõe que as estruturas lexicogramaticais¹ sejam utilizadas de acordo com seu papel social.

Halliday afirma que:

um texto é o produto de uma seleção em uma grande rede de sistemas – um sistema de rede. A teoria sistêmica recebe esse nome devido ao fato de que a gramática de uma língua ser representada em forma de redes de sistemas, e não como um amontoado sem nexo entre palavras (HALLIDAY, 2004, p. 23, tradução nossa)²

¹ Faz referência às escolhas grafo-fonológicas, lexicais, gramaticais e semântico-discursivas (TAVARES, 2012).

² No original: “a text is the product of ongoing selection in a very large network of systems – a system network. Systemic theory gets its name from the fact that the grammar of a language is represented in the form of system networks, not as an inventory of structures” (HALLIDAY, 2004, p. 23).

Logo, o aspecto pragmático da língua é determinante das escolas linguístico-gramaticais. Isso porque o texto deve ser entendido como a maior entendida de análise, onde as unidades menores se articulam de maneira sistemática, e não como um amontoado de palavras aleatórias e desarticuladas.

Seguindo esse raciocínio, Cezário propõe que:

a abordagem funcionalista estuda a estrutura gramatical inserida na situação real de comunicação, considerando o objetivo da interação, os participantes e o contexto discursivo. (. . .) Dessa forma, os funcionalistas não concebem a língua como uma entidade autônoma, uma vez que fatores sociais, cognitivos e históricos, dentre outros, podem influenciar a forma de se codificar a situação (CEZÁRIO, 2012, p. 19)

Logo, a LSF contempla a análise descritiva gramatical, tendo em vista que é possível atribuir inferências a respeito do contexto social e cultural do produtor do texto. Isso implica dizer que a gramática, conforme os funcionalistas, não é algo congelado, e sim uma manifestação discursiva e ideológica de uma dada esfera pragmática.

A LSF tem se apresentado como fértil campo de investigação científica, devida à sua aplicabilidade aos estudos linguísticos. De acordo com Meurer e Balocco, a contribuição da LSF em pesquisas científicas contemporâneas acontece sob dois traços:

Em primeiro lugar, por sua aplicabilidade ao ensino, tendo em vista apresentar-se como uma abordagem de análise textual, o que favorece o seu uso na sala de aula. Em seguida, pelos marcos teóricos que introduz nos estudos da linguagem, a) ao advogar uma concepção da natureza da linguagem como interação; b) ao voltar sua atenção para a dimensão paradigmática da linguagem; e c) ao considerar a linguagem como uma semiótica social, com ênfase na produção de sentidos localizada na cultura e na história (MEURER E BALOCCO, 2009, p. 1)

Considerar a linguagem em uma perspectiva interacional é adotar uma postura bakhtiniana, que considera a esfera social como determinante para estruturação discursiva.

Nesse viés, é pertinente afirmar que a gramática não se movimenta sozinha, ou seja, não podemos desvincular os padrões gramaticais do meio social em que são produzidos.

Logo, os processos de descrições dos padrões gramaticais, propostos pela LSF, são eficazes para o entendimento do meio cultural e social do ator produtor do texto. Visto que os gêneros textuais se refletem em sua estrutura fonológica, semântica e sintática.

Nesse sentido, considerando o papel valioso das teorias da LSF no estudo dos gêneros discursivos, em especial o relatório de estágio, salientado neste artigo, Ferreira considera que:

a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) se revela uma teoria em cujos postulados as pesquisas sobre gêneros textuais podem encontrar esteio para consolidar suas bases. Visto que a LSF leva em consideração os aspectos pragmáticos do uso da língua, revelando as funções que o código linguístico desempenha nas sociedades,

configura-se como forte aliada para a compreensão formal dos gêneros. Os gêneros, por sua vez, por refletirem, linguisticamente, seja na estrutura fonológica, seja na gramatical ou semântica, o sistema da língua em funcionamento, mostram-se igualmente fonte profícua por revelarem as interações, via linguagem verbal, feitas entre sujeitos (FERREIRA, 2010, p. 69)

Em seus estudos, Halliday (2004) propõe que a língua, bem como as escolhas gramaticais, está sujeita a processos comunicativos. Dessa forma, concebe a linguagem como um sistema semiótico¹ organizado em diferentes níveis.

Nesse caso, este autor esboça três Metafunções da Linguagem que se desenvolvem de maneira mútua: A Metafunção Interpessoal, a Ideacional e a Textual. Halliday entende que:

os três componentes funcionais do significado ideacional, interpessoal e textual são realizados em toda a gramática de uma língua. Assim, na gramática, cada componente contribui com uma estrutura mais ou menos completa (HALLIDAY, 2004, p. 309, tradução nossa)²

Assim, conforme as teorias de Halliday, as escolhas gramaticais de uma determinada língua dependerão de cada uma das Metafunções. Vale ressaltar que tais metafunções, mesmo apresentando singularidades, são interdependentes.

A metafunção interpessoal lida com a relação entre interlocutores, os quais se articulam de acordo com dada intenção comunicativa. Assim, esta metafunção preocupa-se com a interação, ajudando-nos a codificar atitudes de relação entre enunciadores. Souza entende que “o nível interpessoal lida com os aspectos formais de uma unidade linguística que reflete seu papel na interação entre falante e ouvinte” (SOUZA, 2012, p. 73).

Já a metafunção ideacional representa o campo do discurso em uma perspectiva de descrição gramatical onde investiga o sistema de transitividade, ao passo que entende a oração como forma de representação de atores (GOUVEIA, 2009).

No que se refere à metafunção textual, Gouveia a propõe como elemento de ligação entre as metafunções anteriores ao afirmar que:

usamo-la para organizarmos os nossos significados ideacionais e interpessoais num todo linear e coerente. Permite-nos, portanto, codificar significados de desenvolvimento textual e organização retórica, isto é, significados textuais (GOUVEIA, 2009, p. 16).

¹ Semiótica entendida como ciência linguística “cujo objeto é o sentido em todas as suas formas discursivas” (LOPES E HERNANDES, 2005, p. 7, *italico dos autores*).

² No original: “the three functional components of meaning, ideational, interpersonal and textual, are realized throughout the grammar of a language. But whereas in the grammar of the clause each component contributes a more or less complete structure” (HALLIDAY, 2004, p. 309).

Do ponto de vista ideacional, a descrição dos padrões gramaticais da oração é um ponto relevante para investigação, partindo da premissa de que o gênero textual se constrói a partir desses padrões.

Sendo assim, a noção de transitividade deve ser problematizada. Conforme a LSF, o mecanismo de transitividade não pode ser entendido como algo que se refere unicamente ao verbo, como é discutido pela gramática tradicional, mas sim como algo característico da oração em si.

À luz desse pressuposto, é pertinente dizer que:

a LSF aborda a noção de transitividade não como uma propriedade categórica e inerente do verbo, mas como uma propriedade da oração como um todo. É na oração que a transitividade se manifesta e que se podem estudar as relações entre os seus elementos (processo, participantes e circunstâncias). Assim, a transitividade é uma categoria sintático-semântica que reflete a gramática da oração e a sua análise deve ser feita a partir do contexto de uso da oração (LIMA, 2012, pp. 5-6).

Isso implica dizer que a oração é vista como uma representação de sintagmas que se comunicam. Assim sendo, a transitividade se constrói nesse dito processo de relação entre verbos, nomes e frases preposicionais de lugar, tempo e modo.

Conforme teoria de Halliday, o processo de transitividade é ancorado conforme a configuração de ator e o processo comunicativo. Assim:

o modelo de transitividade é baseado na configuração do ator + processo. O ator é interpretado como o responsável pelo desenrolar do processo por meio do tempo, e esse desdobramento é confinado no ator ou estendido para o outro participante (HALLIDAY, 2004, p. 282, tradução nossa)¹

Em confluência com a LSF, adotamos a ACD enquanto ferramenta teórico-metodológica pertinente ao desenvolvimento desta pesquisa. Isso porque esta vertente linguística concebe a linguagem como um elemento social. Logo, sociedade e linguagem são indissociáveis. Em outras palavras, não se pode separar gramática e discurso em uma investigação científica (CEZÁRIO, 2012).

É pertinente concebermos a ACD enquanto uma vertente linguística que trata a linguagem em uma perspectiva multimodal, longe de uma fragmentação. No que se refere ao marco histórico da ACD no Brasil, Guimarães nos relata que:

o termo Critical Discourse Analysis, traduzido no Brasil tanto como Análise Crítica do Discurso, quanto Análise de Discurso Crítica, embora tenha sido primeiramente utilizado em 1985 por Norman Fairclough no Journal of Pragmatics, passou a ser

¹ No original: “the transitive model is based on the configuration of actor + process. The actor is construed as bringing about the unfolding of the process through time, and this unfolding is either confined in its outcome to the actor or extended to another participant” (HALLIDAY, 2004, p. 282).

considerado como linha de pesquisa somente após a publicação da revista *Discourse and Society*, por Van Dijk, em 1990 (GUIMARÃES, 2010, p. 439).

Devido à linguagem ser uma atividade que se articula em uma esfera social, traz consigo ideologias que se constroem em um dado espaço. Logo, a construção discursiva se dá por meio de uma relação sócio histórica. Dessa forma:

entendemos a Análise Crítica do Discurso tanto como teoria quanto método: como um método de análise de práticas sociais com interesse específico nos momentos discursivos que unem preocupações teóricas e práticas às esferas públicas, onde as formas de análise “operacionalizam” – tornam práticas – teorizações sobre o discurso na vida social (da modernidade tardia), e a análise contribui para o desenvolvimento e elaboração dessas teorias (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH *apud* TILIO, 2010, p. 87)

36

Para isso, a de se considerar a complexa definição de contexto de acordo com a ACD. É válido dizer que a noção de contexto é de extrema importância em trabalhos sobre linguagem, pois ajudam a entender a ideologia dos gêneros discursivos.

Teóricos buscam relacionar a noção de contexto na ACD em conformidade com os preceitos da LSF, pois entendem que tanto a ACD quanto a LSF adotam a concepção de língua como elemento social. Assim:

a noção de contexto adotada por Fairclough é de origem sistêmico-funcional, e entende que os níveis constitutivos da linguagem (o semântico, o lexicogramatical e o fonológico/grafológico) são dependentes de um contexto mais imediato, o de situação, e de um contexto de cultura. É um funcionalismo baseado em formas regulares, ‘relacionando um contexto social e a forma linguística com base nas funções da linguagem e na sua relação nos mais variados registros e gêneros textuais’ (MARCUSCHI *apud* GUIMARÃES, 2010, pp. 440, 441).

O uso da linguagem está atrelado à situação comunicativa. Por conseguinte, se articula ao meio social por um processo individual (pensamento) e compartilhado (pela interação), o que também conta como contexto (MOTTA-ROTH E HERBELE *apud* FERREIRA, 2010). Somada a estas concepções, a ACD também considera que a linguagem não é compartimentada. Isso significa que um texto é “costurado” não apenas por manifestações linguísticas, mas também por várias outras áreas do conhecimento humano. Isso implica dizer que não se pode separar as propriedades linguísticas e discursivas das propriedades contextuais. Dessa maneira:

vemos a ACD trazendo uma variedade de teorias ao diálogo, especialmente teorias sociais, por um lado, e teorias linguísticas, por outro, de forma que a teoria da ACD é uma síntese mutante de outras teorias; não obstante, o que ela própria teoriza em particular é a mediação entre o social e o linguístico – a ordem do discurso, a estruturação social do hibridismo semiótico (interdiscursividade) (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH *apud* MAGALHÃES, 2005, p. 1).

Nessa perspectiva, há uma convergência com a Linguística Aplicada (LA), tendo em vista a concepção crítica e multimodal que ambas têm a respeito da linguagem. Isso significa dizer que, ao associarmos língua e sociedade, devemos considerar que ambas atuam de maneira conjunta. Logo, a língua se estruturará de vários modos, dependendo das necessidades sociais e culturais do meio em que opera. Conforme Bárbara, estamos inseridos em uma comunidade que tem a LSF como ponto em comum. Logo, devemos ter uma concepção de língua/linguagem como prática social, a qual manifesta-se multimodalmente, ou seja, por manifestações que acontecem por meio das múltiplas semioses da linguagem. (BÁRBARA, 2009).

2 A Aplicabilidade Teórica da LSF e da ACD no Meio Educacional

Dentre os motivos que proporcionam o crescimento da LSF e da ACD no meio científico está a maneira com a qual ambas contribuem nas investigações do campo da linguagem. Além disso, essas duas áreas entendem a língua enquanto uma manifestação social¹, logo sujeita às condições contextuais de onde operam. Isso nos proporciona relacionar as escolhas linguísticas ao contexto de enunciação.

Conforme Vian Jr:

Diversos são os recursos disponíveis na língua ao produtor de textos para posicionar-se em relação àquilo que expressa e, dessa forma, emitir avaliações sobre pessoas, objetos, entidades e todos os demais aspectos das relações sociais que negociamos em nosso dia-a-dia e que são passíveis de avaliação em suas variadas escolhas (VIAN JR, 2009, p. 100).

Nesse caso, Vian Jr.(2009) considera que os recursos da língua posicionam o produtor do texto, emitindo avaliações² sobre o ator participante. Conforme a aparato teórico da LSF, ao descrever os padrões oracionais, conseguimos investigar as propriedades de um gênero textual além dos limites gramaticais. Ao produzirmos um texto, fazemos escolhas lexicogramaticais que externam a intenção enunciativa (SILVA e FAJARDO-TURBIN, 2012).

¹ Esta é uma concepção baseada em Bakhtin, a qual fundamenta os estudos no campo dos gêneros discursivos (VERCEZE, 2008)

² Vian Jr também debate sobre avaliação e avaliatividade no texto *Avaliatividade, Engajamento e Valoração* (VIAN JR, 2012).

Ao adotar um modelo linguístico sempre contextualizado, a teoria sistêmica problematiza o ensino de línguas. Nesse sentido, as contribuições dadas ao mecanismo de ensino-aprendizagem influenciam o desenvolvimento de estudos da linguagem e da educação.

Com isso, infere-se que a teoria sistêmica é, por si só, crítica e reflexiva. Suas concepções levam os professores em formação inicial a aprender a respeito da variedade dos gêneros discursivos e da adequação da linguagem.

Com isso, são importantes as concepções da ACD, que primam por uma visão interacional dos estudos linguísticos. Dessa maneira, temos o propósito de debater a respeito do caráter teórico-metodológico do discurso (MAGALHÃES, 2005). Logo, esta visão não compartimentada da linguagem assegura uma interpretação da ideologia presente em textos de gêneros diversos.

Nesse sentido, há um incentivo aos estudos do letramento, tendo em vista que enfatizam um ensino de língua em seu aspecto produtivo. Isso significa que os enunciadores são levados a desenvolver seus potenciais linguísticos dentro de uma situação comunicativa, constituindo, discursivamente, os gêneros. Assim, entendendo que a linguagem é um elemento orgânico (MOTTA-ROTH e ROSSI, 2012).

Em suma, o desenvolvimento das práticas de letramento incentivado pela LSF e da ACD permite o professor em formação estabelecer relações entre as mais diversas áreas do conhecimento humano. Trata-se de uma postura interdisciplinar, onde a construção gramatical e ideológica do relatório de estágio depende também de concepções sociológicas, filosóficas, etc.

3 A LSF e a ACD: Práticas de Letramento

Halliday (2004) considera que o texto se manifesta em uma perspectiva multimodal. Logo, a manifestação social de um texto acontece de forma sistêmica, por meio de textos verbais e não verbais.

No contexto das licenciaturas, a LSF e a ACD são áreas de estudos da linguagem de suma importância. Considerando que os cursos de licenciatura são, antes de mais nada, formadores de professores, supõe-se que ofereçam aos alunos-mestres um contato direto e frequente com textos das mais diversas naturezas (SILVA, 2012a).

Isso se depreende devido ao fato de que os professores devam estar atentos às múltiplas manifestações da linguagem, pois precisam entender como esta se articula aos mais

variados contextos e percepções. Esta concepção implica em uma autonomia do conhecimento, discernimento e análise da situação comunicativa (BRITTO, 2012).

As práticas de letramento atuam, nesse viés, diretamente ao processo de formação de professores. Entretanto, para que este procedimento se efetive, é necessário introduzir cada vez mais uma postura de pesquisa que forme sujeitos críticos e capazes de intervir na realidade.

A investigação científica em que o relatório de estágio é o principal elemento de análise é essencial para que o aluno-mestre questione a ação do ator participante, aliando os conhecimentos teóricos à real condição da escola.

Entender o processo de descrição das escolhas gramaticais, conforme teoria da LSF, contribui para uma investigação da ideologia do gênero. Isso fundamenta a formação inicial do professor no que se refere às suas próprias práticas de letramento (SILVA, 2012b). Assim, os professores são nada mais que “agentes de letramento”.

Do ponto de vista da ACD, a ideia de integração entre as áreas do conhecimento humano oferece ao professor em formação uma percepção mais realista do uso linguístico. Devido a isso, entendemos que os estudos da linguagem buscam explicações em outros campos científicos. Isso porque a linguagem é uma atividade que está diretamente exposta às condições de mudança social (cf. HANKS, 2008).

4 Convergências com a LA

As concepções da LA permeiam pela noção de interdisciplinaridade. Isso converge com a postura assumida pela teoria da LSF e da ACD, as quais partem do princípio da interação entre enunciadore. Além disso, problematizam os mecanismos de ensino e aprendizagem.

O interacionismo assumido pelas teorias de Bakhtin proporciona uma visão de língua/linguagem enquanto elemento social. Logo, considera-se que as manifestações linguísticas são sociais, uma vez que a sociedade se fabrica por meio delas. Portanto:

Bakhtin assume que a estrutura do mundo é dialógica, sendo as escolhas linguísticas respostas às indagações deste mundo. Isso é fundamental para formação e compreensão do discurso e é, aliás, uma compreensão ativa, um discurso de sentidos como apoio enriquecedor (LACHMANN, 2004, p. 46; tradução nossa)¹

¹ No original: “Bakhtin assumes that the structure of the world is dialogic, that within this world the word marks itself as response. Responsive understanding is a fundamental force, one that participates in the formulation of discourse, and it is moreover an active understanding, one that discourse senses as resistance or support enriching the discourse (LACHMANN, 2004, p. 46).

Nesse sentido, a LA funciona como intermediadora entre as diretrizes da LSF e da ACD. Uma vez a língua sendo algo social está sujeita às adequações contextuais. Assim, as condições comunicativas determinam as escolhas linguísticas e gramaticais.

A LSF investiga as escolhas lexicogramaticais em relação ao contexto de uso linguístico, assim como o meio de circulação do texto. Isso implica na ideia de língua como fator cultural que se difunde em sociedade, conforme as concepções da LA (SILVA, 2012b).

Assim, a LA é uma atividade que está em constante contato com a ética, tendo em vista que seu caráter social e interacional proporciona uma comunicação constante entre enunciadores. Essa comunicação é promovida por meio de gêneros discursivos que se delineiam durante o contexto de situação e cultura.

Signorini refere-se aos gêneros discursivos enquanto “catalisadores”, uma vez que favorecem “o desencadeamento e a potencialização de ações e atitudes consideradas mais produtivas para o processo de formação, tanto do professor quanto de seus aprendizes” (SIGNORINI, 2006, p. 8).

A LA também apoia a ideia de transdisciplinaridade, o que entra em conformidade com a ACD. Esse raciocínio se fundamenta no princípio de que ambas entendem que os estudos da linguagem necessitam de informações de outras áreas do saber humano. A postura transdisciplinar concebe as práticas de linguagem como “um tecido social”, devido ao seu caráter político (FURLANETTO, 2011).

Em síntese, muitas explicações a respeito da linguagem não se dão apenas nas teorias linguísticas. Com isso, buscamos explicações nos âmbitos sociológicos, filosóficos e psicológicos. Mais uma vez, esbarramos na ideia de língua/linguagem como instrumento social e multicultural¹.

Considerações Finais

Uma das características mais pontuais entre LSF e ACD é a capacidade de estabelecer relações interdisciplinares. Esta perspectiva converge com as diretrizes da LA, a qual procura transitar entre as várias áreas do conhecimento.

¹ Conforme Knechtel “o multiculturalismo nada mais é do que o fato de várias culturas se encontrarem no mesmo espaço e tempo. (. . .) Multi (muitas) culturalismo (culturas)” (KNECHTEL, 2003, p. 30).

Este diálogo reflete, em suas investigações, a respeito de um sujeito fluido, composto por uma rede complexa de significações e que ajuda a compor grupos minoritários, silenciados pelo contexto social em que se situam (MOITA LOPES, 2013).

As possíveis conexões estabelecidas entre as ciências sociais, por intermédio da LSF e da ACD, procuram refletir a respeito de linguagem e sociedade, não as percebendo como uma dicotomia, em que perdura a ideia de sobreposição, mas sim como elementos indissociáveis que costuram a anatomia cultural de uma língua. Por isso, é necessário entendermos como os diversos discursos se relacionam, promovendo uma estrutura linguística específica.

Em síntese, as ideologias que perpassam as manifestações linguísticas são objetos complexos para estudos. A LSF e a ACD, nesta concepção, são abordagens teórico-metodológicas complementares, considerando a dimensão social e interdisciplinar com que concebem os fenômenos da linguagem e sua construção ideológica.

Referências

- BÁRBARA, Leila. Interações com a Linguística Sistêmica-Funcional. In: *Revista de Documentação de Estudo em Linguística Teórica e Aplicada – Delta*. 2009. Vol.25.
- BARROCO, Maria Lúcia. *Ética e Sociedade* (Curso de Capacitação ética para agentes multiplicadores). 2ª ed. Brasília: Conselho Federal de Serviço Social, 2007.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. A Liberdade, a Crítica e a Criatividade na Formação do Leitor. In: *Revista Pátio*, 2012. Ano IV, n. 15, p. 14-17.
- CEZÁRIO, Maria Maura. Efeitos da Criatividade e da Frequência de uso no Discurso e na Gramática. In: SOUZA, Edson Rosa de (org.). *Funcionalismo Linguístico: Análise e Descrição*. São Paulo: Contexto, 2012.
- FERREIRA, Márcia de Assis. Para gêneros discursivos: Linguística Sistêmico-Funcional. In: *Linguagens e Diálogos*, 2010. V. 1, n. 1, p. 69-81.
- FURLANETTO, Maria Marta. Relações interpessoais e de saberes na Linguística Aplicada: o desafio da alteridade. In: *Simpósio Internacional de Línguas e Culturas - SILC*, 2011.
- GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO, Alexandra Santos. Estágio Supervisionado em Letras. *Anais do I Seminário Nacional de Estágio*. Dourados: UEMS/UFGD, 2011.
- GOUVEIA, Carlos A. M. Texto e Gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. In: *Revista Matraga*, 2009. V.16, n.24, p. 13-49.
- HALLIDAY, Michael A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. Hodder Education, 2004.

- HANKS, Willian F. *Língua como Prática Social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.
- KNECHTEL, Maria do Rosário. *Multiculturalismo e Processos Educacionais*. Curitiba: Editora BPEX – FACINTER, 2003.
- LACHMANN, Renate. Rhetoric, the Dialogical Principle and the Fantastic in Bakhtin's Thought. In: BOSTAD, Finn [et al] (orgs). *Bakhtinian Perspectives on Language and Culture: Meaning in Language, Art and New Media*. Palgrave Macmillan, 2004.
- LOPES, Carlos Ivã; HERNANDES, Nilton. *Semiótica: Objetos e práticas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- MAGALHÃES, Izabel. Introdução à Análise do Discurso Crítica. In: *Revista de Documentação de Estudo em Linguística Teórica e Aplicada - Delta*, 2005. V.21, Esp, p. 1-9.
- MEURER, J. L. Ampliando a noção de contexto na linguística sistêmico-funcional e na análise crítica do discurso. In: *Linguagem em (Dis)curso*, 2004. V. 4, n. esp, p. 133-157.
- MEURER, José Luiz; BALOCCO, Anna Elizabeth. A linguística sistêmico-funcional no Brasil: interfaces, agenda e desafios. In: *Anais do SILEL*, 2009. V. 1, EDUFU.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da aplicação de linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Editora Contexto, 2013. p. 11-24.
- MORATO, Edwiges; BENTES, Anna Christina. Das Intervenções de Bourdieu no Campo da Linguística: reflexões sobre competência e língua legítima. In: *Revista Horizontes*, 2002. v. 20.
- MOTTA-HOTH, Désirée; ROSSI, Ariane de Escobar. Contribuições da análise crítica do gênero notícia de popularização científica para o ensino de Língua Inglesa. In: WITTKE, Cleide Inês (org.). *Gêneros Textuais: Perspectivas Teóricas e Práticas - Caderno de Letras*, 2012.1, n.18, p. 78-104.
- ROSSI, Ângela Maria; FUZER, Cristiane. Representações para Homens e Mulheres em um Texto Bíblico. In: *Revista Querubim*, 2012. V. 1, n. 16, p. 10-24.
- SANTOS, Valéria Branco Moreira Pinto dos. Estabelecendo as Diferenças entre os termos Registro e Gênero. In: *Work in Progress*, 1996.
- SILVA, Wagner Rodrigues (coord.). *Projeto de Pesquisa: representações do professor da escola básica em relatório de estágio supervisionado da licenciatura: da gramática ao discurso*. Universidade Federal do Tocantins. 2012a.

SILVA, Wagner Rodrigues (coord.). *Projeto Integrado de Pesquisa: representações de professores da escola básica em gêneros acadêmicos produzidos em licenciaturas brasileiras*. Universidade Federal do Tocantins. 2012b.

SILVA, Wagner Rodrigues; FAJARDO-TURBIN. Introdução. In: SILVA, Wagner Rodrigues; FAJARDO-TURBIN (orgs.). *Como Fazer Relatórios de Estágio Supervisionado: Formação de professores nas licenciaturas*. Brasília: Liber Livro, 2012.

SOUZA, Edson Rosa de. Um Estudo Discursivo-Funcional de Assim, Já e Aí no Português Falado no Nordeste Paulista. In: SOUZA, Edson Rosa de (org.). *Funcionalismo Linguístico: Análise e Descrição*. São Paulo: Contexto, 2012.

TAVARES, Maria Alice. Gramática Emergente e o Recorte de uma Construção Gramatical. In: SOUZA, Edson Rosa de (org.). *Funcionalismo Linguístico: Análise e Descrição*. São Paulo: Contexto, 2012.

TILIO, Rogério. Revisitando a Análise Crítica do Discurso: um instrumental teórico-metodológico. In: *E-scrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, 2010. V. I, n.2, p. 86-102.

VERCEZE, Rosa Maria Nechi. Gêneros Textuais no Processo de ensino aprendizagem. In: *Estudos Linguísticos*, 2008. V. 37, n. 2, p. 47-53.

VIAN JR, Orlando. Avaliatividade, Engajamento e Valoração. In: *Revista de Documentação de Estudo em Linguística Teórica e Aplicada - Delta*, 2012. V. 28, n. 1, p. 105-128.

VIOTTO, Maria Eugênia da Silva. *As Concepções de Gênero Textual/Discursivo do Professor de Língua Portuguesa*. Programa de Formação Continuada – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2008.